

O ENSINO DE ENFERMAGEM NUMA DIMENSÃO FEMININA E EXISTENCIALISTA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA PARA A LIBERAÇÃO

The teaching of nursing in a feminine and existentialist dimension: A critique reflection to the liberation

Vera Regina Waldow¹

RESUMO

Revisão empírico-teórica com considerações sobre o ensino de Enfermagem e sua relação com a prática. O estudo engloba os aspectos da mulher, da opressão, do poder e alguns problemas que têm influenciado o comportamento da enfermeira. Discute ainda, o aspecto do(a) professora(a) de enfermagem e seu compromisso com o ensino numa dimensão existencialista.

Unitermos: *liberação, opressão, ensino de enfermagem, poder, mulher.*

ABSTRACT

A theoretical-empirical review and considerations about the teaching of nursing and its relationship with practice. The study encompasses the aspects of woman's issue, oppression, power, and some problems which have influenced nurse's behaviour. It further discusses the aspects of the teacher of nursing and his/her commitment towards teaching within an existentialist dimension.

Key Words: *liberation, oppression, nursing teaching, power, women.*

O presente estudo constitui uma espécie de ensaio preliminar, o qual servirá de subsídio para minha tese de doutorado. Nele tento discutir uma temática que tem sido uma antiga preocupação em minha experiência como docente de Enfermagem, ou seja, o ensino de Enfermagem e sua relação com a prática profissional.

Uma revisão empírico-teórica apóia minhas reflexões e confirma minha opinião de que a Enfermagem é bem mais complexa do que parece em seus encantos e desencantos: um mundo a ser redescoberto e explorado. Isto também, por sua vez, reforça minha crença de que as escolas de Enfermagem e, em particular, seus docentes possuem, senão o maior, um dos mais importantes papéis no desenvolvimento da profissão.

As questões envolvidas no estudo abordam a questão do poder, a questão da mulher na profissão da Enfermagem e alguns dos problemas que têm afetado a prática do ensino de Enfermagem, os quais, por sua vez, parecem influenciar o comportamento da enfermeira.

O estudo não pretende ser exaustivo, pois compreende um tema por demais vasto, controvertido e, de certa forma, abstrato. Além do mais, não se pode dissociar os aspectos individuais e culturais de valo-

res que são sentidos, expressados e interpretados de forma diferente e muito particular no caso de cada indivíduo. A questão mais importante na qual pretendo me deter diz respeito à posição dos professores dos cursos de Enfermagem diante da problemática atual da Enfermagem como profissão feminina e seu agir no cotidiano do processo ensino-aprendizagem. Como é pensado, sentido, vivenciado, praticado o ensino de Enfermagem? Qual o significado, a importância e o papel do ensino no existir do professor de Enfermagem? Essas questões, que considero essenciais a todo ser humano que desempenhe qualquer atividade profissional e que faça parte de um mundo social de relações, são a base para uma conscientização no sentido de existir. O refletir sobre suas próprias ações e o ser capaz de assumir suas limitações, capacidades e decisões como ser humano no seu verdadeiro existir, é um exercício que requer flexibilidade, maturidade e autocrítica. É comum passarmos pela vida sem nos determos no seu real significado, sem questionarmos sobre a vida (e a morte) e sobre nossa existência. Este estudo tem como propósito justamente a análise de nosso cotidiano e a reflexão sobre nós e o mundo da Enfermagem, a fim de conseguirmos alcançar uma real liberação. Liberação no sentido de ausência de censura, repressão e julgamentos. Liberação com o objetivo de desnudar e possibilitar o repensar, o re-fazer, o re-criar. Liberação no sentido de metamorfose para o derradeiro voo na direção da liberdade, da transformação. É o situar-se no tempo e no espaço numa dimensão transcendental. É o assumir e apropriar-se do seu próprio existir. Este, para mim, é o processo de busca de si mesma e de nossas

¹ Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Educação pela Faculdade de Educação — UFRGS.
Doutoranda em Educação em Enfermagem pelo Teacher's College, Columbia University — New York, U.S.A.

ações de forma responsável e madura. É assumir nossas opiniões, nossas vontades, nossas, decisões.

Gostaria de retomar a idéia colocada por Castellanos (1987, p. 24) e com a qual concordo plenamente, de que "a Escola de Enfermagem, como instituição universitária de formação de recursos humanos para a área de assistência à saúde, deixa de cumprir seu papel na medida em que não exerce influência nas mudanças que se processam na estrutura social e, particularmente, no sistema de saúde, bem como tornar-se ineficiente na medida em que não tenta desenvolver um mínimo de crítica reflexiva sobre a prática profissional".

A Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES, 1984), em seu debate sobre a Universidade, refere o imobilismo e a crise de legitimidade que caracterizam a universidade, a qual não tem conseguido responder às demandas por falta de definição do seu papel e de sua função. Houve, neste debate, um apelo para a participação dos docentes e para a melhoria da qualidade de ensino, a fim de que seja desenvolvida uma política de transformação da universidade. Rosa (1984, p. 54) coloca que uma questão interna à universidade diz respeito critérios usados para nos medirmos politicamente, e questiona: "como é que nós vemos como professores?"

É urgente que repensemos a questão do ensino e do tipo de conhecimento que é produzido nas instituições de ensino, considerando-se a quantidade de docentes improdutivos e/ou descompromissados, a utilização do poder e o autoritarismo ainda prevalente, inibidor de uma posição mais dinâmica e crítica dos docentes. Assim, a prática intelectual precisa realmente definir o que ela quer, bem como os docentes. Rosa (1984, p. 117) coloca, ainda, que no Brasil "a expressão mais brutal que o capitalismo internacional assume, levando às vezes a um regime muito próximo ao fascismo, reduz o papel da universidade, inclusive porque ele traz de fora a ciência e a tecnologia de que precisa, sem considerar as condições internas. O problema é conquistar estes espaços e romper os limites, sem ilusões de que os intelectuais sejam a vanguarda da sociedade, mas procurando fazer da transformação da universidade também um instrumento de transformação social".

O dar-se conta dos problemas de ensino e da própria atuação como professor, bem como dos problemas de caráter mais abrangente que interferem na ação docente é considerado "importante" como ponto inicial para uma reflexão ampla e objetiva (Câmara, 1985, p. 126-127). O trabalho de Câmara (1985) chama atenção para alternativas para a melhoria na formação e capacitação docente, a integração entre os vários níveis de ensino e conscientização dos professores para a atual realidade do ensino superior através de questionamentos e posições mais críticas sobre o momento atual do ensino e da educação brasileira como um todo.

Outra menção a uma posição crítica e reflexiva é dada já anteriormente por Gastaldello (1981). Seu estudo trata da visão objetiva dos docentes universi-

tários *sobre si mesmo como pessoas e como profissionais* (grifo meu), apontando ainda para a consciência realística das exigências e possibilidades socioeconômicas, políticas e culturais da época atual e de uma clara perspectiva do papel da universidade na sociedade.

No Brasil, a Enfermagem tem sido recentemente estudada de forma mais expressiva no que tange ao seu aspecto social, suas contradições e seus problemas (Germano, 1985, Almeida, 1986, Peixoto, Silva, 1986, Loyola, 1987, Nakamae, 1987). Nestes trabalhos, a posição da Enfermagem como prática técnica numa sociedade capitalista, bem como a divisão de classes reproduzidas no seu trabalho são analisadas. Os trabalhos analisam e questionam também a opressão feminina e as relações de poder a que a Enfermagem está vinculada. Fica clara a mensagem de que os profissionais de Enfermagem e suas instituições formadoras precisam se preocupar mais em desenvolver um processo de participação política envolvendo o pensar sobre a prática diária.

Lopes (1987, p. 118) coloca muito bem o problema da educação de Enfermagem como "legitimadora de uma condição subalterna". Existem fatores que impedem ou reduzem a participação política feminista, os quais, segundo Lopes, devem ser cuidadosamente analisados sob o ponto de vista de condição imutável e parecem ser transmitidos nos meios da profissão. Entre os fatores citados pela autora, contam-se a discriminação social, problemas sócio-econômicos, a dupla carga de trabalho, a falta de tradição política da mulher, elitismo, submissão, falta de profissionalismo, falta de consciência de classe, acomodação e outros. Alguns desses fatores parecem ser assumidos pela enfermeira e refletem de certa forma como a profissão é encarada, ou seja, como emprego e não como carreira (fato este reforçado pela falta de reconhecimento por parte das instituições de saúde). Isto, por sua vez, compromete a profissão, pois a desvalia, a falta de estímulo e de engajamento possibilitam uma identificação real com o SER enfermeira; segundo Lopes (1987 p. 40), as mulheres, embora maioria, "não estão dispostas a pagar o duro custo social de suas reivindicações".

Loyola (1987) apresenta depoimentos fornecidos por pacientes e enfermeiras. Em sua pesquisa fica bem expressa a falta de identidade do profissional de Enfermagem perante o público. Não está claro para a população que é a enfermeira e o que a distingue dos demais trabalhadores de enfermagem em termos de funções e tipo de atuação.

As relações de poder na instituição hospitalar, e principalmente o papel da enfermeira neste contexto, são analisados por Loyola (1987, p. 101-102). Ela observa que "as enfermeiras aceitam a dominação através das condições de trabalho na instituição hospitalar; na realidade, este trabalho representa o exercício de um *poder real* dentro do hospital, mesmo que seja um *poder concedido*, delegado. As enfermeiras *reproduzem* inversamente a sua relação de submissão para com o profissional médico, o paciente, ao estabelecerem com o mesmo uma relação de domi-

nação, sendo o paciente um mudo expectador dos 'palcos' do hospital" (grifo da autora). A situação referida no trabalho de Loyola, ou seja, a submissão, reflete por vezes uma total passividade e falta de consciência crítica por parte das enfermeiras. Como exemplo, tem-se a queixa comum entre as enfermeiras em relação às diferenças de tratamento e comportamentos nas ações dos médicos no que tange a certos procedimentos, como é o caso citado por LOYOLA do uso de avental e sapatilhas de proteção na CTI. As enfermeiras usam-nos, enquanto os médicos permanecem no mesmo local com roupas comuns. É questionado o porquê do seu uso.

Se existe necessidade de proteção, qual a lógica de ser usada por alguns e não por todos? Parece haver, portanto, falta de posicionamento crítico das razões de nossas ações na prática da Enfermagem e, conseqüentemente, falta de poder de decisão. Ou melhor, parece que existe esta consciência, porém não existe *coragem* (meu grifo) de assumir uma postura independente. As escolas de Enfermagem têm, neste sentido, uma participação fundamental no desenvolvimento deste tipo de comportamento, Loyola (1987, p. 101) refere que a 'docilidade' no comportamento da enfermeira inicia, na escola e que "a atuação repressiva dos docentes da Escola de Enfermagem vai moldar uma estudante pouco questionadora e pouco participante da vida política da Universidade, quem certamente se desenvolverá numa enfermeira fracamente participante de seus órgãos de classe". As estudantes aceitam e repassam para os outros as regras do jogo durante o curso de graduação. As regras são representadas por normas que *disciplinam o aluno a tornar-se submisso* (meu grifo) e, no futuro, um profissional passivo, alienado, acrítico, um mero cumpridor de tarefas.

Loyola (1987) aponta o problema de se exigir uma postura questionadora por parte dos profissionais, os quais estão sob constante pressão, enfrentando inclusive uma série de autora dificuldades estruturais. A própria postura da outra em relação a estas dificuldades em minha opinião, retrata por si própria uma atitude de conformismo: tudo é tão difícil, como as enfermeiras poderiam agir de outro modo? Eu diria que não é fácil; há necessidade de um trabalho constante de mobilização para conscientização da enfermeira, no sentido de ela assumir uma posição de envolvimento, de crítica e de reflexão sobre sua prática e sobre sua ação de ser e estar num mundo de relações. Este trabalho deve ser iniciado nas escolas, e quer me parecer que uma mudança de atitude deve ser considerada pelos docentes. A forma como é praticada a profissão de enfermagem e como o ensino tem sido conduzido (a ação do professor em sua atividade docente, ou seja, sua existência como docente) devem ser repensados.

Depoimento em relação ao ensino de enfermagem apresentados por Lopes (1987) e Loyola (1987) referem a repressão, a postura rígida dos professores, seu pouco preparo e experiência. Insegurança e desinformação são mencionados, bem como a falta de estímulo dado pelos professores à liderança e partici-

pação política dos alunos. Outros problemas, referentes agora à postura da Escola, são o pouco estímulo à educação continuada, à atualização e à pesquisa. A enfermeira não sabe como fazer um trabalho científico nem para que se aprimorar profissionalmente. Esta acomodação e falta de motivação em realizar cursos de atualização e pós-graduação parecem ser originadas na própria experiência de graduação. Esses cursos são tidos como perda de tempo, sem utilidade prática e não reconhecidos por partes das estruturas institucionais.

O Trabalho de Krowczuk (1988) oferece importante contribuição para o processo de reflexão sobre o ensino. Entre os fatores citados como dissonantes na formação profissional, referidos por professores na pesquisa de Krowczuk, citam-se: a indefinição do papel profissional, a dissociação entre teoria e prática e a não-relevância da realidade e sim daquela enfatizada pela agência formadora. Além destes, citam-se a prioridade na formação técnica em detrimento da crítica e do conhecimento mais profundo, o método científico com mera atividade acadêmica e a insuficiente interação entre os membros integrantes da vida acadêmica.

Observa-se que a análise e/ou discussão do ensino da Enfermagem é feita de uma forma muito acadêmica, sob o enfoque curricular. Ressente-se de uma discussão mais ampla e profunda dos componentes que afetam o ensino e da atuação do professor como veículo principal no processo de ensino-aprendizagem, seja como transmissor, facilitador, ou mesmo como aprendiz do conhecimento.

Peixoto e Silva (1986) comentam a necessidade da crítica curricular em cursos de graduação em Enfermagem e apontam a insatisfação de docentes e discentes em relação ao conteúdo teórico e à falta de definição do tipo de profissional desejado. Mencionam, ainda, que um dos principais problemas do ensino de Enfermagem deve-se ao próprio desenvolvimento curricular, o qual não satisfaz as exigências e não apresenta um referencial próprio e organizado. A tendência continua sendo o preparo teórico do indivíduo; contrariamente, Peixoto e Silva enfatizam a necessidade de formar o indivíduo para um compromisso social de mudança, através de linhas de pesquisa nas escolas, o que favoreceria "uma atitude reflexiva em docentes e discentes sobre a prática profissional" (Peixoto, Silva, 1986, p. 347). As autoras recomendam a busca do "equilíbrio entre a tradição e a renovação, o que requer tanto a visão crítica da realidade social, como a crítica mesmo do papel da Universidade na construção do saber e na formação de recursos humanos para o presente e para o futuro" (p. 351).

É interessante observar que, no Seminário sobre Ensino Superior de Enfermagem da Região Sul, realizado em julho de 1987, a preocupação com o modo de ensinar e de encarar o ensino de enfermagem só foi levantado por alguns docentes de escolas do norte do Paraná. As relatoras do trabalho lembram que "não pode ser esquecido que a maneira pela qual se

transmitem conceitos e teorias é sempre revestida de uma carga ideológica originada na compreensão de mundo do docente e de como este idealiza a inserção do futuro profissional na sociedade" (Ceribelli, Cheida, 1987, p. 65). Revela-se, assim, por parte das autoras, preocupação com o professor e com a idéia de estar no mundo, assim como com o fato de cada um possuir uma filosofia, idéias e valores, que necessitam ser considerados. Existem, segundo relato no trabalho, tentativas isoladas, em duas escolas do norte do estado, de inovações nos métodos de ensino, inexistindo, no entanto, posição oficial do departamento a respeito do assunto. A tendência é ainda a de o professor como fonte de transmissão de conhecimentos, como autoridade inquestionável.

Experiência similar foi realizada por um grupo de professores na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o qual avalia os resultados de uma metodologia inovadora de ensino desde o período de implantação de uma determinada disciplina. A metodologia enfocava o método de resolução de problemas na perspectiva do ensino centrado no aluno (Pereira, Waldow, Galperim, 1986). Havia uma preocupação em fornecer aos alunos experiências de ensino que favorecessem a auto-aprendizagem num clima de ajuda e aceitação. A opinião dos alunos em relação à referida disciplina foi de que ela "favoreceu a auto-aprendizagem, os crescimentos pessoal e profissional, ótima interação professor-aluno, liberdade e apreciação positiva frente à disciplina" (p. 33). Cumpre salientar, entretanto, que este mesmo método, anteriormente adotado por outras disciplinas, sofreu resistência por parte da maioria dos docentes, os quais retornaram aos métodos tradicionais de ensino. Os próprios professores da disciplina do estudo modificaram a metodologia, sendo ilustrativa a manifestação de insegurança frente à mudança e a necessidade de "retomar o comando na transmissão do saber" (p. 34) assumida pelo grupo.

Por ocasião do Seminário sobre o Ensino Superior de Enfermagem da Região Sul (1987), poucas recomendações foram feitas no que se refere ao ensino como processo e orientação metodológica para se chegar a uma estratégia de definição quanto ao tipo desejado de profissional. Em relação ao currículo, as preocupações maiores diziam respeito à carga horária, disciplinas, etc. Foram identificados alguns problemas e necessidades; porém, faltam sugestões mais explícitas, concretas e exeqüíveis. É interessante observar também que as avaliações dos participantes sobre o Seminário revelaram que os objetivos foram alcançados apenas parcialmente, haja vista a insuficiência de discussão. Quanto à contribuição do Seminário para a reavaliação do ensino de graduação em Enfermagem, 40% considerou-a apenas parcial, e 37,5% respondeu afirmativamente, ressaltando, porém, a pouca troca de experiência entre os participantes, participação fraca e aprofundamento insuficiente para definir as novas tendências de graduação. Quanto às discussões, 55% dos participantes consideraram que as mesmas não contribuíram para a ques-

tão docente-assistencial. Estes resultados nos conduzem a questionar a reduzida participação do docente em discussões de temas direcionados para currículo e ensino, já que têm sido evidenciadas insatisfação e necessidade de mudança no ensino da Enfermagem. Não seria novamente a mesma postura acrítica e acomodada que tem caracterizado a Enfermagem? Ou a falta de exercício do pensamento que tem caracterizado a população feminina?

É neste ponto que parece existir uma lacuna, uma contradição que, a meu ver, caracteriza um fato que é a *ambivalência feminina* em assumir um papel independente e responsável por seus atos. Freire (1989) descreve esse fato como comportamento de dualidade: o oprimido internaliza a opinião que o opressor tem sobre ele, demonstrando passividade e aceitando a exploração. De acordo com Freire, a busca de liberação só é possível quando o oprimido torna-se consciente de sua existência e passa a acreditar em si próprio.

A mulher persiste em SER dependente, oprimida, protegida. Ela parece aceitar e acomodar-se a este papel, que constitui uma herança da qual ela tem grandes dificuldades de se libertar. A atitude de se submeter à opressão é permitida, uma vez que assumir-se como mulher emancipada é desafiador e incerto. É mais fácil o papel de fraca, oprimida, "coitadinha", sendo a culpa colocada fora do indivíduo, ou seja, na exterioridade. Por outro lado, a enfermeira tem reproduzido o papel de dominação em suas relações com subalternos, representados por alunos, trabalhadores de enfermagem e com o próprio paciente, pois, nestas relações, ela é a detentora do saber, do poder. A dualidade descrita por Freire (1989) adapta-se bem à questão da mulher; segundo ele, os grupos subordinados internalizam as normas prescritas pelo grupo dominante e tentam comportar-se da mesma forma, a fim de também alcançarem poder e controle.

Lopes (1987) também comenta a passividade feminina e a submissão a salários mais baixos e menos gratificados do que os dos homens, o que parece denotar uma concessão por parte das mulheres, caracterizando-se uma atitude de negociação e subalternidade.

O conflito feminino parece estar presente também na atividade prática na Enfermagem no que se refere à idealização entre cuidado direto versus cuidado indireto, trabalho manual versus trabalho intelectual.

A política de saúde brasileira não oferece condições de absorver, e mesmo de reconhecer, as necessidades do profissional de Enfermagem, vista como "trabalho feminino subalterno". Tampouco existe interesse em melhorar a qualidade de assistência através de profissionais capacitados (e mais onerosos). Além do mais, a população desconhece (e, portanto, não exige) a verdadeira função e papel da enfermeira que, por sua vez, não encontra apoio, coragem e nem empenho em reverter este quadro.

Para Nakamae (1987, p. 94-95), a questão do

cuidado direto e do cuidado indireto, ou supervisão de enfermagem, representa uma das expressões "da divisão capitalista entre trabalho manual e trabalho intelectual, da primazia da divisão social do trabalho sobre a divisão técnica, o que significa dizer da prevalência dos interesses do capital sobre a preservação do núcleo técnico-científico na prática do enfermeiro". Frisa ainda a autora que "a renúncia ao cuidado direto pelo enfermeiro é a submissão final dele ao capital, com a mutilação de competência técnica e, em consequência, a perda de sua especificidade profissional". Segundo Nakamae, é preciso, então, resgatar o cuidado direto, mantendo o indireto, rompendo a divisão de trabalho (divisão de classes) como forma de se chegar à síntese entre teoria e prática. Evidentemente este posicionamento pressupõe uma mudança de atitude por parte dos profissionais e um engajamento e participação efetivos da comunidade de Enfermagem na barganha política de seus direitos. Portanto, a conscientização profissional e a reflexão crítica sobre a prática social da enfermeira é condição 'sine qua non' para uma política de mudança. Não tenho dúvidas de que este espírito crítico, empreendedor, de luta e de *assunção* (meu grifo) com o SER enfermeira num mundo de relações deve ser estimulado através de um ensino crítico, libertador, no qual os interesses da profissão, voltados para o desenvolvimento, transcendam os interesses pessoais e do poder dominante, os quais alienam e anulam a classe de Enfermagem. Alcançar a almejada mudança no que se refere ao reconhecimento da profissão e à autonomia de ser e de fazer um trabalho que legitime o seu pensar como enfermeira implica em uma transformação da própria sociedade como um todo. Contudo, existe uma questão que antecede qualquer tentativa de mudança e empenho nesta batalha por uma identidade e postura crítica: a da mudança interna do próprio indivíduo que pretende realmente assumir-se como profissional de Enfermagem. Isto pressupõe uma reflexão com bases filosóficas, éticas e morais em que o indivíduo, para se assumir como ser no mundo, necessita voltar para dentro de si mesmo e questionar seus interesses, seus valores, suas razões. É na definição de si como pessoa, de si como profissional que, por sua vez, reclama o definir-se como mulher a tomada de uma posição independente no mundo. Este processo de reflexão e de pensar o 'ser enfermeiro' enquanto sujeito de ação e de relação em sua prática, em toda sua historicidade num contexto social, político, econômico e cultural deve iniciar-se nas escolas. Questões como as que se seguem deveriam ser nelas refletidas: como é a prática diária da professora de Enfermagem frente a todas as questões que atingem a profissão? Que ideologias as escolas têm propagado? Como a professora de Enfermagem vê a sua prática de ensino, sua responsabilidade na formação profissional, sua contribuição na divisão classista, sua submissão como mulher, seu controle como autoridade e reprodutora de uma ideologia de poder, de dominação?

O que deve ser combatido é o ensino e a prática

isolada e competitiva entre professoras e enfermeiras, bem como o conformismo e a acomodação. A pedagogia crítica e, particularmente, a pedagogia feminina podem trazer luz para as questões de ensino nas sociedades capitalistas, uma vez que seu objetivo é possibilitar a professores e alunos a tomada de uma postura consciente e crítica da realidade social, sendo assim agentes de sua própria mudança. É um processo de "empowerment"², de tornar possível, de ter controle sobre nossas próprias vidas, nossas decisões (Weiler, 1988).

O conscientizar implica em lidar com limitações e possibilidades. Significa investir nestas como instrumento de re-criação e usar as limitações como instrumento de sabedoria e experiência, no sentido de transformar e agir contra a absolescência, o obscurantismo, a opressão; quer dizer, usar as limitações de uma condição feminina e de uma profissão dependente e oprimida como ação de conscientização e luta. A voz feminina precisa levantar-se e fazer-se ouvir pelas multidões. O apelo contra as injustiças, as opressões, os preconceitos de raça, sexo e classe necessita ser compartilhado e discutido para, em conjunto, caminhar-se na luta contra o poder que leva o indivíduo à miséria, à alienação, ao conformismo, à doença, à fome, à desvalia. É necessário reagir à falta de entusiasmo e à desmotivação, "ao sentimento de impotência em relação a qualquer forma de transformação da situação" expresso por enfermeiras no trabalho de Castellanos (1987 p. 310).

Greene (1988), em seu livro sobre dialética da liberdade, menciona o trabalho conjunto para descobrir o poder no sentido de agir sobre a escolha de cada um. Ela cita Sartre, por sua idéia de tornar algo possível ou realizável desde que desejado. Esta idéia pode ser relacionada ao ditado popular de que uma montanha só é obstáculo para quem deseja escalá-la. A maior alienação é a de quem não quer ou não vê necessidades de evoluir. No desenvolvimento do indivíduo não há crescimento sem conscientização, e esta para Greene (1988) envolve a capacidade de questionar o mundo, de refletir sobre o que nos é apresentado pela experiência. Tornar-se consciente de si como pessoa — e como professor (a) — possibilita a tomada de decisão, a busca de escolha e a responsabilidade de assumir atos. Este processo é de desafio, de tomada de risco; nesta perspectiva, ele apresenta uma dimensão fenomenológico-existencialista que se preocupa com o alcance da autoconsciência, com a "conscientização" de si com maior clareza (Greenne, 1973).

Concluindo, a questão do ensino de Enfermagem reveste-se de uma análise bem mais ampla e profunda do que apenas uma revisão de currículo, ao qual freqüentemente têm se atribuído os problemas edu-

2 O termo "empowerment", por não ser possível traduzir exatamente o seu significado, foi mantido em inglês. No presente trabalho, e em relação ao ensino, o termo significa participação ativa no processo de ensino-aprendizagem no sentido de criar oportunidades. Envolve poder de escolha e decisão, o que implica em responsabilidade e comprometimento.

cacionais. Ou, ainda, ao sistema educacional como um todo, que tem sido colocado como barreira e obstáculo para qualquer ação de mudança. A questão, a meu ver, é também um problema do homem, SER no mundo com o mundo, segundo Freire (1981). A proposta é a de pensar, re-pensar, refletir sobre a ação do SER professora, o SER docente de Enfermagem em sua dimensão feminina, em seu verdadeiro existir e seu comprometimento com o ensino num contexto histórico, social, político, econômico e cultural. Freire (1981, p. 19) diz também que "... o compromisso, próprio da resistência humana, só existe no engajamento com a realidade" e "... se nos interessa analisar o compromisso do profissional com a sociedade, teremos que reconhecer que ele, antes de ser profissional, é homem ³." Mais adiante, o autor coloca que o comprometimento como profissional é uma dívida que o homem assume ao fazer-se profissional; e é neste ponto que reside a responsabilidade que considero relevante e essencial para ser pensado por nós, pois fugir deste compromisso é negar-se a si mesmo.

3 Homem referido no seu sentido genérico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.C.P. de. **O saber da Enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo: Cortez, 1986. 128p.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR (ANDES). **O poder e o saber**: a universidade em debate. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. 150p.
- CAMARA, M.R. de S. **Problemas percebidos pelos professores de Química no ensino de 3.º grau**: delineando causas e apontando alternativas. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 1985. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CASTELLANOS, B.E.P. **O trabalho da enfermeira — a procura e o encontro de um caminho para o seu estudo**: da abordagem mecânico-funcionalista à pesquisa emancipatória. São Paulo: USP, Escola de Enfermagem, 1987. 395f. Tese (Doutorado em Enfermagem) — Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- CERIBELLI, M.I.P. de I., CHEIDA, M.L.C. O ensino de Enfermagem e os campos de prática. In: SEMINÁRIO SOBRE O ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM DA REGIÃO SUL, 1987, Curitiba. **Relatório final**... Curitiba: Ed. Univ. Champagnat da PUC/PR, 1987.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 79p.
- FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. New York: Continuum, 1989. 186p.
- GASTALDELLO, M.E.T. **Dominação — submissão em professores universitários**: diferenças por áreas de ensino. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 1981. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GERMANO, R.M. **Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1985. 118p.
- GREENE, M. **The dialectic of freedom**. New York: Teachers College Press, 1988. 152p.
- GREENE, M. **Teacher as stranger**. Belmont: Ca., Wadsworth, 1973. 308p.
- KROWCZUK, E.R. **As dissonâncias na formação da profissional de Enfermagem de Nível Superior**: um estudo comparativo entre instituições formadoras. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 1988. 479f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LOPES, M.J. **O trabalho da enfermeira**: nem público nem privado-feminino, doméstico e desvalorizado. Porto Alegre: PUCRS, Instituto de Sociologia da Indústria, 1987. 157f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Sociologia da Indústria, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LOYOLA, C.M.D. **Os doces corpos do hospital**: as enfermeiras e o poder institucional na estrutura hospitalar. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987. 137p.
- NAKAMAE, D.D. **Novos caminhos da Enfermagem**: por mudanças no ensino e na prática da profissão. São Paulo: Cortez, 1987. 120p.
- PEIXOTO, E.M., SILVA, S. Um modelo para crítica de currículos de graduação em Enfermagem. In: SEMINÁRIO PARA AVALIAÇÃO DOS 10 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UFSC. **Anais**... Florianópolis, 1986. p332-358.
- PEREIRA, R.J., WALDOW, V.R., GALPERIN, M.R. de O. **Avaliação da disciplina Assistência de Enfermagem do Adulto I**: estudo comparativo. Porto Alegre: UFRGS, Escola de Enfermagem, 1986. 39f. Projeto PADES n. 2.
- ROSA, L.P. Universidade, intelectuais e ciência para transformação social existem? In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR (ANDES). **O poder e o saber**; a Universidade em debate. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. p.97-117.
- SEMINÁRIO SOBRE ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM DA REGIÃO SUL, Curitiba. 1987. **Relatório final**. Curitiba: Editora Champagnat, PUC/PR, 1987.
- WEILER K. **Women teaching for change**: gender, class & power. Massachusetts: Bergin & Garvey, 1988. 174p.

Endereço do Autor:

Author's address:

Vera Regina Waldow
Av. São Paulo, 898/1
90.230 — Porto Alegre, RS.